

## UM DIREITO AO SILÊNCIO

Peter Pál Pelbart\*

Numa conversa informal com Guattari, ocorrida antes de um périplo de conferências suas em São Paulo, alguém sugeriu gentilmente que nas aparições públicas ele nuançasse o hermetismo; por exemplo, evitando o excesso de neologismos que dificultavam a compreensão. Foi-lhe dito que ele corria o risco, pelo caráter sibilino de sua fala, de ser confundido com uma das 'seitas' locais. Guattari foi sereno na resposta. Disse que inventar conceitos era uma aventura, e que os conceitos que vinha fabricando (que chamou de "*mes petits machins*" – meus trocinhos) eram a sua aventura pessoal, e não uma operação de marketing qualquer, nem de comunicação. Acrescentou que uma trajetória assim soberana muitas vezes é solitária, com poucos amigos. Às vezes tinha-se eco, outras não. O que valeria a vida, perguntou então, se não tivéssemos o direito de inventar palavras? E além disso, completou, numa fala pública há muito mais do que as palavras, há os tons, a intensidade, as expressões, os gestos, os afectos, um monte de coisas que não passam pelo compreender, nem pela significação.

Nesta entrevista em vídeo que acabamos de assistir<sup>1</sup>, é particularmente marcante todo esse plano, da atmosfera, do ritmo, das expressões, dos timbres, da crispção, da profusão... Um vídeo assim solicita do espectador uma atenção distinta, uma apreensão pática, caso este se disponha a captar o que está além das palavras, da significação, neste outro plano extradiscursivo. É neste nível que corre a gesticulação musical de Guattari, como quem vai catando no ar montinhos de invisível para depois recompô-los numa dispersão provocativa. Ou um traço minúsculo na expressão do rosto, insinuando uma petrificação, depois uma lassidão, a boca se contraindo naquele biquinho tão francês como a

---

\* Filósofo, autor dos livros *Da clausura do fora ao fora da clausura* (São Paulo, Brasiliense, 1989) e *A nau do tempo-rei: sete ensaios do tempo da loucura* (Rio de Janeiro, Imago, 1993).

querer dizer: “tantas coisas ignoramos, a morte, outras tantas, sabe-se lá”, e aí, de repente, o corpo todo se empina para orquestrar, de um fôlego só, uma nova visibilidade, um arabesco inédito no ar. Ou a lenta ritmação na hora em que fala do jazz, ou ainda o borramento das manchas numa superfície inexistente ao referir-se à caomose, ou a abundância alternada de balanceamentos para descrever a percepção extraordinariamente complexa dos bebês.

E não sabemos bem por quê, mas subitamente tudo parece mais suave e mais complexo, o mundo vira uma mistura discernível de múltiplos tons, cores, ritmos, intensidades, reverberações, cadências, qualidades, acontecimentos... O que era Um vira muitos, o que estava subsumido a uma Plano vira um folheado, o que parecia hierarquizado torna-se ramificado, uma pulverização, reagrupamentos, novas dimensões, proliferações... Não é o milagre da multiplicação dos peixes, mas das espécies, dos mundos, de seres: multiplicação ontológica.

Isso por um lado. Por outro, ali vem Guattari lançando em nossa cara conceitos maciços, como um pedreiro atira a argamassa sobre o tijolo fresco, com a precisão rústica de um construtor. E então nos atrapalhamos com os ‘funtores’, ‘Phylum maquínico’, ‘fluxos’, ‘universos incorporais’, ‘territórios existenciais’ etc., e nos perguntamos se o que vemos e o que ouvimos procedem de uma mesma pessoa, se a alegria dos signos-Guattari corresponde ou não à *secura* dos conceitos-Guattari.

Como conciliar aquele primeiro plano da apreensão pática, em que o mundo parece tornar-se mais encantado, mais rico, mais polifônico, e este outro plano em que enxergamos atônitos, vindo em nossa direção, uma maquinaria conceitual pesada, acachapante?

Difícil deixar de pensar numa inadequação originária, em Guattari, entre aquilo que ele encarna e suscita nos outros, por um lado, e a linguagem turbilhonar e indigesta para certos estômagos despreparados ou delicados, como é o caso de alguns amigos seus e outros tantos admiradores. Creio que enquanto essa defasagem não for pensada todos os mal-entendidos serão possíveis. Cabe-ria, então, instalar-se de chofre nesse interstício, ao invés de fingir ignorá-lo ou tentar tamponá-lo. Lembro da franqueza de Maria Rita Kehl ao dizer-lhe: “Gosto do que você diz, não gosto de como o diz, é duro”. E ele respondendo: “Ah, pudera fosse um poeta!”. Tentar ler, ver e ouvir a partir desse interstício, desse ‘entre’, eis o pequeno exercício a que me proponho aqui, em vez de apenas aceitar a hipótese, não improvável, de resto, de que ele dizia coisas interessantes por vias deselegantes.

Instalar-se de sola nessa defasagem, nessa inadequação entre o plano pático e o cognitivo, para tentar extrair daí uma lição. A começar pela constatação

de que saímos dessa disjunção sempre perturbados, como que um pouco esquizofrenizados. Talvez porque estejamos por demais acostumados a supor entre a imagem e a legenda uma correspondência, uma adequação, uma redundância, ou uma sobredeterminação: a imagem ilustra a legenda, ou o contrário. Não é à toa que Deleuze elogia esses descolamentos entre o som e a imagem em Syberberg, em que parece que cada uma dessas instâncias acaba ganhando independência, autonomia, e evolui numa direção própria, acentuando a disjunção e fraturando nossa experiência estética.

Isso tudo para dizer que essa disjunção que alguns possam ter experimentado com o vídeo, que com frequência era sentida em Guattari ao vivo, é igualmente, a meu ver, um indício relevante de um dos eixos essenciais de seu projeto teórico e de seu trajeto pragmático. Então é por aí que pretendo começar. Não comentarei diretamente as coisas ditas nesse vídeo, e sim este eixo que talvez ajude a iluminar o sentido da mencionada disjunção, e sua importância.

Minha hipótese, que para todos os efeitos não passa de uma hipótese — e portanto perfeitamente discutível —, é a seguinte. O entroncamento teórico que obrigou Guattari a inventar uma saída original, que resultou nessa sua “aventura pessoal”, e que, claro, não é só pessoal, poderia ser resumido, bem grosseiramente, da seguinte forma: como sair de um estruturalismo generalizado sem recair num naturalismo energético, cuja ingenuidade este mesmo estruturalismo havia ajudado a revelar e a denunciar?; como escapar ao despotismo do Significante sem retornar à inocência materialista?; como recusar a idéia de uma instância determinante, fosse ela material ou discursiva, a fim de evitar todos os malefícios redutores daí decorrentes, tanto políticos, históricos como subjetivos?; como pensar este “entre”, que está no interstício entre a ordem material e a discursiva, sem atrelá-lo a uma instância fundadora?; como pensar esses objetos mentais, esses incorporais, sem atrelá-los seja a uma cadeia significativa, seja a coordenadas científicas do mundo natural, já que essas duas maneiras de algum modo sobredeterminariam a especificidade e a autonomia daquele nível incorporeal? Afinal, se for submetido às coordenadas espaço-temporais-energéticas postuladas pela ciência, tomadas como um substrato infra-estrutural, esse domínio incorporeal se ofusca. Por outro lado, submetido à transcendência do simbólico, ele é desrealizado, tornado resto, sombra ou impossível.

Nessa linha, então, como desfazer-se da idéia de infra-estrutura e de superestrutura? Como desvencilhar-se de um platonismo, ou, o que dá no mesmo, de um platonismo às avessas? Recusar a prevalência de uma instância ou de outra, acarreta a rejeição de uma série de dicotomias: infra-estrutura e superestrutura, Natureza e Cultura, produção e desejo, história e estrutura etc.

Percebe-se que há aí muita coisa em jogo. Para 'dar nome aos bois', a recusa de um certo lacanismo e, por extensão, de um certo estruturalismo, de um certo marxismo, de um certo reichianismo etc. Mas para além destas recusas, que Guattari entendia como impasses políticos, importa a saída que ele inventou para este *enjeu*, saída própria, original, sob cujo efeito alguns de nós ainda nos movemos, tanto em nossos jogos teóricos como em nossas aflições práticas.

Creio que o primeiro passo dado por Guattari para desbloquear esses impasses foi lançar a idéia de *máquina*, em substituição à noção de *estrutura*. Não pretendo entrar na definição deste operador extravagante, basta assinalar que o maquínico (que é o contrário do mecânico) é processual, produtivo, produtor de singularidades, de irreversibilidades, e temporal. Neste sentido, ele se opõe, termo a termo, à idéia de estrutura, de intercambialidade, de homologia, de equilíbrio, de reversibilidade, de a-historicidade etc. Mas o que importa é o fato de que essa concepção maquínica, nada 'naturalista' (já que faz do Universo uma grande fábrica, estendendo a produção engendrante para todos os níveis), serviu de base para apreender de um modo novo o domínio não discursivo. O não discursivo, ao deixar de ser uma matéria informe à espera de uma estruturação significativa, ganhou uma potência infinita. O resultado foi um mundo material e imaterial sem centro, sem instância determinante, sem transcendências despóticas nem equilíbrios reasseguradores. O diabolismo filosófico.

Um parêntese. Alguém poderia argumentar: sim, ele abole as instâncias determinantes, mas forja quatro pólos genéricos que são quatro novas instâncias: os Fluxos materiais e semióticos, as Máquinas abstratas, os Universos incorporais de valor e os Territórios existenciais. Como este é um modelo complexo, difícil, não vai dar para entrar nessa discussão aqui. Vou responder apenas em nível anedótico. Guattari pergunta-se: por que quatro? E responde: dois é dicotômico, três leva a uma dialética fechada, e apenas um quarto elemento representa uma abertura para o infinito. Fecho o parêntese.

O diabolismo filosófico tem duas faces: consiste em estender a idéia de produção, essencial na máquina, para todos os níveis, inclusive do desejo, do inconsciente, da existência como um todo, mas, por outro lado, também amplia a noção de produção; produção não é só produção de coisas materiais e imateriais no interior de um campo de possíveis, mas também produção de novos possíveis, quer dizer, produção de produções, de bifurcações, de desequilíbrios criadores, de engendramentos a partir de singularidades, chegando até, finalmente, à idéia de auto-engendramento a partir de singularidades, autoposicionamentos, autopoiese. Pela autopoiese algo se desdobra, ganhando consistência, autonomia, um movimento próprio, formando um universo a partir de seus

componentes, se existencializando e até, no limite, tecendo uma subjetivação própria. Como esses objetos-sujeitos e 'subjetidades' de que Guattari fala no vídeo, que soam como uma aberração conceitual. É a produção levada à sua radicalidade demiúrgica.

Por isso, quando Guattari diz que a pulsão na verdade é uma máquina de existência, uma construção de existência, a heterogênesse dos componentes da existência, percebemos que ele está longe de um território estritamente psicanalítico no sentido clássico (é o mínimo que se pode dizer), e que derivou para uma espécie de política da existência, de práxis ontológica. É curioso, fala-se muito da ética do analista, da ética na política, nas condutas, mas Guattari está falando de uma ética em relação ao ser. Não à maneira heideggeriana, em que o ser-af viraria o pastor do Ser. Não existe o *Ser* como equivalente ontológico geral, mas os seres, e, neste sentido, a ética ontológica não tem nada de sagrado, ao contrário, ela é diabólica. Trata-se de diabolicamente intensificar a multiplicação das instâncias, a constituição de universos, de processos de singularização, de diferenciações, de criação de possíveis. Num plano mais prático, significa optar pelas cartografias que enriqueçam, diversifiquem e multipliquem os modos de subjetivação, as maneiras de existir, de estar no mundo, de fabricar mundos. O grande inimigo é sempre a laminação homogeneizante provocada pelo Capital, que torna tudo equivalente ou indiferente, ou a laminação provocada pelo Significante, que subsume sob seu filtro a totalidade do real, com todas as suas intensidades, dimensões, variedades, ou a laminação oriunda da idéia de Ser, ou de Razão, ou de Energia, ou de Informação, ou de Comunicação, e assim por diante. É a destruição de todas as maiúsculas, isto é, de todos os despotismos reterritorializantes. A ética guattariana é de opor a isso um construtivismo ontológico, um engajamento ontológico, em todos os planos, seja no caso da apreensão dos níveis etológicos no bebê, conforme o exemplo de Stern, da função existencializante do *rock* para os jovens, da apreensão pática na psicose, que inclui componentes semióticos os mais diversos, da incorporação da ciência, ou da mídia, como elementos do romance familiar moderno etc. Para isso, é preciso aceitar que a psique é resultante de componentes múltiplos, heterogêneos. Ela envolve, como diz Guattari, o registro da fala, mas também meios de comunicação não verbais, relações com o espaço arquitetônico, comportamentos etológicos, estatutos econômicos, aspirações estéticas, éticas etc. Isto tudo implica não tomar a subjetividade como dada, configurada por estruturas universais da psique, mas supor engendramentos diferenciados de subjetivações. Por isso, o inconsciente para Guattari não é estrutural, mas processual, não pode ser voltado apenas para o romance familiar, mas também para

as máquinas técnicas e sociais, não pode estar voltado só para o passado, mas igualmente para o futuro. Eis algumas conseqüências deste produtivismo radical.

Toda essa problemática atravessa os últimos livros de Guattari, e diz respeito a esses limiares de consistência a partir dos quais alguma coisa nova ganha existência, vem a ser. O tema da passagem ao ser tem às vezes, na sua obra, uma tonalidade estranhamente visceral. É como se Guattari estivesse exclamando, como o fez Deleuze num outro contexto, “Um pouco de possível, senão eu sufoco”. Nesta exclamação, creio que está condensada toda uma ética, uma estética, uma política, uma ontologia, uma tragicidade também. Eis, então, uma pequena lista de algumas dessas coisas inéditas encontradas, mencionadas ou apenas buscadas por Guattari, ultimamente, conforme escritos recentes (os termos listados são todos de Guattari, o grifo é meu): uma *estranheza de ser*, tentada pelo dramaturgo polonês Witkiewicz, e que lhe escapava das mãos; a *asperza de ser*, rara hoje em dia; um *nomadismo existencial* que fosse tão intenso quanto o dos índios da América pré-colombiana, em vez do falso nomadismo de nossas viagens modernas, em que estamos sempre no mesmo lugar; as rupturas de simetria do arquiteto japonês Tadao Ando, que reinventa, assim, novas intensidades de *mistério*; a consigna de produzir *novos infinitos*, a partir de um mergulho na finitude sensível; um novo *amor pelo desconhecido*; um *reencantamento* das modalidades expressivas da subjetivação; focos de *eternidade* aninhados entre os instantes; *magia, mistério e demoníaco*, que não mais emanarão de uma mesma aura totêmica; e por aí a fora. Há, também, certas sugestões mais fortes: passar pela *báscula caósmica*, ponto umbilical, para tornar a dar, enfim, o infinito a um mundo que ameaçava sufocar; engendrar as condições de criação e de desenvolvimento de formações de subjetividade inusitadas, *jamaís vistas, jamaís sentidas*.

Chamo a atenção para alguns dos termos mencionados: estranheza e asperza do ser, mistério, infinito, desconhecido, reencantamento, eternidade, magia, demoníaco. Nessa profusão pinçada ao acaso, há mais do que uma evocação aleatória de extravagâncias a respeito de uma concepção ‘animista’ do mundo; há todo um programa. O programa de um criacionismo ontológico complexo, para o qual Guattari não parou de inventar novas armas e ferramentas inusuais. Claro, algumas delas são palavras estranhas que, num primeiro momento, numa primeira leitura, funcionam apenas como propulsores de um movimento conceitual, mas cujo sentido preciso fica claro depois de algum tempo. Por exemplo, o que vem a ser uma ‘ontologia fractal’? Ou ‘atratores de possível’? Ou mesmo essas ‘básculas caósmicas’? E depois, há as idéias as mais estranhas, como por exemplo esta sobre as ‘entidades intensivas’, que nada tem a ver com a discursividade de uma cadeia significante ou das coordenadas

energético-espaciais-temporais. Daí resulta que essas entidades intensivas, que estão no entroncamento de elementos muito heterogêneos, exigem, para serem apreendidas, uma outra lógica, lógica das intensidades não discursivas. Portanto, solicitam uma apreensão pática, que é aquela que apreende, por exemplo, um 'clima' de uma festa, a 'atmosfera' de uma manifestação, ou de um psicótico, ou de uma obra de arte. Essas entidades intensivas, diz Guattari, são focos autopoieticos, transversais etc.

Bem, devo ter abusado da paciência de vocês ao aglomerar nesse ritmo denso parte dos neologismos de Guattari. Mas creio que deveriam ser vistos não como desvios repulsivos de um psicanalista herege, e sim como desdobramentos múltiplos de um certo diabolismo demiúrgico. É natural que os psicanalistas se sintam incomodados com essa profusão de operadores, que os expulsam de um território teórico conhecido. A entrevistadora pergunta o que é pulsão, ele fala em heterogênese; ela pergunta sobre ordem representacional e desordem pulsional, ele responde com caosmose; ela pergunta sobre a linguagem, ele responde com a etologia na infância e na psicose... E assim vai. Ele mesmo começa falando em sedução e a faz derivar para objeto-sujeito; a cena primitiva se transforma na máquina de representação; e, por último, pasmem, a castração desemboca em autopoiese. Se intensifico essa lista, não é para assustar nem dificultar, mas para dizer que isso tudo poderia ficar mais claro se inscrevêssemos esse movimento geral nesse projeto ontológico mais amplo, mais radical, e que necessariamente transborda a psicanálise, embora a atravesse e a implique, de ponta a ponta, já que, segundo o próprio Guattari, os objetos mentais, incorpóreos, componentes essenciais de subjetivação, foram inventados (ou descobertos) pela psicanálise.

Para finalizar, duas observações circunstanciais. Um texto de Deleuze sobre Guattari fala em dois 'Guattaris', um Pierre e outro Félix (ele se chamava Pierre-Félix Guattari). Segundo as palavras de Deleuze, um era "... como uma cabeça catatônica, corpo cego e endurecido que se impregna de morte quando tira os óculos"; o outro, "... um brilho deslumbrante, cheio de múltiplas vidas, assim que opera, ri, pensa, ataca". São as duas potências esquizofrênicas de um anti-Eu. A petrificação e o brilho.

Talvez eu não devesse terminar essa exposição, que afinal deveria ser apenas o comentário do vídeo, com uma anedota pessoal. Mas a gente acaba fazendo muitas coisas que não deve, ao longo de uma vida, sobretudo quando se defronta com uma morte extemporânea. Então aí vai, em pouquíssimas palavras. Em 1990, eu estava de visita à França e fui com Guattari conhecer a Clínica de La Borde. Safmos de Paris de carro. Ele pediu que eu guiasse, enquanto

dormia, assim, sem óculos, petrificado, conforme a descrição de Deleuze. Mas muita gente no sono vira pedra. Só que, no dia seguinte, ele não estava diferente, mesmo acordado, mesmo comendo sobre a mesa longuíssima e monacal, mesmo estatelado sobre um sofá diante da televisão, mesmo oferecendo uma cadeira para Jean Oury. Eu jamais o havia visto assim. Já um pouco aflito com a situação, resolvi sair com minha companheira para um passeio. Guattari quis vir conosco. Andamos em silêncio, fim de tarde, ouviam-se os passos, rumores longínquos, a noite chegando, um vizinho cumprimentando, tudo bucólico até que topamos com um chiqueiro. Ali ficamos, com os porcos. Primeiro em silêncio, depois comecei com eles uma conversa, no pouco que sei grunhir. O diálogo, recíproco, foi se intensificando. Por fim, Guattari entrou na conversa, rindo muito e grunhindo também. Acho que nessa estadia de um dia e meio em La Borde foi a única conversa que tivemos, grunhida, no chiqueiro, com um coletivo de porcos, num verdadeiro devir-animal. No dia seguinte, fui embora, intrigado. Eu me dizia que um pensador tem o direito de ficar catatônico, de ficar morto, de grunhir de vez em quando, se é isso que lhe dá na telha. Na verdade, desde então, sempre invejei aquele estado catatônico e, às vezes, à minha revelia, me vejo assim, para infortúnio dos que me cercam. Na época, lembro de ter tido a fantasia de que, quando Guattari morresse, eu escreveria um texto chamado “Um direito ao silêncio”. Pena que esse momento tenha chegado tão logo e que esse silêncio, hoje, é irreversível. Mas, relendo alguns textos dele, entendi que aquele silêncio de La Borde não era só petrificação, mas também imersão numa espécie de caosmose, esse misto de caos e complexidade, de dissolução na qual se engendra o que está por vir. Talvez o silêncio que Guattari deixa com sua morte também devesse ser tomado como uma espécie de balsa cósmica. Quiçá pudéssemos, a partir dele, deste silêncio, desta morte, desta balsa cósmica em que ficamos com o choque surdo de sua morte, fazer isto que ele propugnou e realizou tantas vezes, e que ele chamou do jeito mais bonito, de a potência do eterno retorno do estado nascente.

## Nota

1. Trata-se de entrevista gravada com Félix Guattari poucos dias antes de sua morte, e concedida em sua casa em Paris a Rogério da Costa e Josaida Gondar, especialmente para o seminário *As pulsões e seus conceitos*, promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.